

À volta da literatura digital para crianças e jovens

Diego Giménez

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
ORCID: 0000-0002-1229-3969



Frederico, Aline e Elizabeth Cardoso (Eds). (2024). *Literatura Digital para Crianças e Jovens*. São Paulo: Pulo do Gato. ISBN 978-85-283-0726-9

A publicação no Brasil de *Literatura Digital para Crianças* deve ser celebrada por vários motivos. Por um lado, trata-se da primeira obra a abordar a literatura infantojuvenil no contexto digital no Brasil e, por outro, fomenta a criação de massa crítica em um contexto adverso. Desta maneira, a obra enfrenta uma marginalização dupla do campo de estudo em contexto acadêmico: no que diz respeito à literatura para crianças e no que concerne à literatura digital. Teórica e academicamente, deveria ser tão digno estudar *O Capuchinho Vermelho* quanto *A Tempestade* de Shakespeare. O fato de os teóricos terem de justificar o porquê da escolha e da relevância do objeto de estudo é sinal dessa percepção marginal. Do mesmo modo, a especificidade evanescente da literatura digital, que também está constantemente reivindicando um espaço dentro dos Estudos Literários e se

justificando enquanto objeto, torna necessária a revisão de teorias para a contextualização do fenômeno literário em entorno digital. Estes motivos, entre outros, justificam por si só a publicação.

A obra está estruturada em três partes e onze capítulos. A Parte I, intitulada “A textualidade da literatura infantil e juvenil digital”, consta dos capítulos “A literatura infantil e juvenil digital hoje: definições, conceitos e formatos”, “Interatividade e literatura digital para crianças e jovens”, “Som e interatividade na literatura infantil digital” e “O design de interação no livro-aplicativo infantil: interfaces multimodais e novas oportunidades interativas com a literatura”, de Aline Frederico, Edgar Roberto Kirchof, Giselly Lima de Moraes e Douglas Menegazzi, respectivamente. Esta primeira parte, assim, discute as bases teóricas da literatura eletrônica e da literatura infantojuvenil, e serve como marco conceitual do livro. Desta forma, para Aline Frederico, “como fenômeno emergente, em mutação constante, e dada a natureza híbrida da produção digital, a terminologia no universo da literatura infantil e juvenil digital e as bordas que delimitam o que entra e o que não entra nesse espectro são difusas” (p. 22). A partir deste ponto de partida, a pesquisadora definirá teoricamente a literatura infantojuvenil digital desde a literariedade, os recursos dos meios digitais, as definições de literatura infantil e juvenil e de literatura digital, os formatos, suportes e prêmios. Segundo a autora, interatividade e multimodalidade são aspectos centrais da literatura digital, que “articula de forma integrada, diferentes modos semióticos, como a linguagem verbal escrita, a verbal falada, a visual estática, a cineicônica (imagens em movimento), os efeitos sonoros, a música e os gestos do leitor” (p. 24-35). A interatividade é abordada também nos dois seguintes capítulos de Edgar Roberto Kirchof e Giselly Lima de Moraes. Douglas Menegazzi, por sua vez, analisa o design de interação nos livros-aplicativos.

No momento seguinte, a Parte II, intitulada “A leitura e a mediação da literatura infantil e juvenil digital em casa e na escola”, é composta pelos capítulos “Leitura e mediação do aplicativo literário na escola e a pandemia da covid-19: fotografia do momento e possibilidades do futuro”, “Literatura infantil digital: leitura e criação na escola”, “Tocar, deslizar e zapear: a leitura do livro-aplicativo Mini Zoo por crianças no contexto familiar” e “A relação entre o perfil leitor de crianças e os modos de ler literatura infantil digital”, de Elizabeth Cardoso, Rafaela Vilela, Roberta Gerling Moro e Mônica Daisy Vieira Araújo. Esta segunda parte do livro centra-se nas práticas de leitura e de mediação em contextos pedagógicos. Para Elizabeth Cardoso, por exemplo, que estudou o uso dos aplicativos literários no contexto da pandemia de covid-19, o acesso à tecnologia, aos aplicativos e à internet em contexto criativo e pedagógico é ainda díspar e não isento de dificuldades. A desinformação dos professores, dada a natureza cambiante da litera-

tura digital e a desigualdade de acesso à tecnologia, pode ser enfrentada com manuais e com uma atitude atenta às mudanças que os leitores antecipam e prefiguram com as escolhas de leitura. Da mesma forma, Rafaela Vilela compreende que “não há um único modo de ler literatura digital e que os sentidos são construídos a partir dos desvios e das paragens que o leitor escolhe fazer — uma leitura descontínua que envolve ir, voltar, ver, desviar, jogar, ler de novo” (p. 153).

Finalmente, a Parte III, chamada (“Reflexões sobre a produção e a permanência da literatura infantil e juvenil digital”), composta pelos capítulos “Repensando a leitura literária em suporte digital: um relato das inovações criadas pela StoryMax a partir de reflexões e pesquisas acadêmicas”, “Os recursos digitais e sua influência nas escolhas editoriais: um estudo de caso do app Amal e a viagem mais importante da sua vida” e “A construção da materialidade digital e o problema da evanescência nos livros-aplicativos”, de Samira Almeida, Isabel Malzoni e Jaqueline Conte. Esta última parte aborda criticamente a criação e evanescência da literatura digital no contexto de sua produção editorial e do estudo da materialidade dos suportes. Assim, para Jaqueline Conte, a evanescência da literatura digital seria

a imprevisibilidade sobre a ‘vida útil’ desses objetos literários; o pêndulo invisível que mede o tempo durante o qual eles permanecem acessíveis em sua plenitude funcional, em face das constantes atualizações de sistemas e tecnologias. [...] Ligados diretamente à tecnologia vigente e à rapidez com que ela se transforma, de acordo com o desenvolvimento científico e os interesses econômicos, o livro digital e as produções conexas não têm, de maneira geral, a durabilidade no tempo que outras materialidades, vinculadas a outros suportes, experimentam ou experimentaram (Conte, 2024: 235).

As três partes do livro estão bem pensadas e dão unidade aos capítulos apresentados. As seções e os capítulos comunicam entre eles e tecem uma rede de significação que ajuda a abordar criticamente o livro digital infantojuvenil nas suas dimensões: a primeira parte serve como marco teórico e conceitual de partida; a segunda relata a recepção leitora em contexto pedagógico; a última diz respeito à materialidade do suporte e à produção editorial. Conforme dito no início desta recensão, o livro enfrenta uma dificuldade dupla, a marginalidade nos Estudos Literários da literatura para crianças e da literatura digital enquanto campos de estudo. Como consequência dessa situação e da dificuldade de conceitualização de campos periféricos e em constante mudança, a definição de partida da literatura digital como multimodal e interativa que articula diferentes modos semióticos serve de ponto sólido de partida para entender o fenômeno digital. Os estudos de caso fun-

cionam para contextualizar dita teorização no contexto brasileiro. Seria interessante ver de que modo dialoga esse contexto com outros.

Um dos problemas teóricos que a literatura digital levanta vem do fato de a produção acadêmica estar ligada à produção das obras. Isto é, muitas vezes, os autores de obras de literatura digital são os teóricos e os professores que estão por detrás da arquitetura teórica do digital. Isto se explica pela dificuldade técnica da construção das obras, em constante mudança também. Este fato repercute na comunidade leitora, que termina circunscrita a nichos acadêmicos restritos. No caso da literatura digital para crianças, o mercado editorial é diferente, de acordo com a descrição contida no livro. Oferece uma separação um pouco mais definida entre teoria, criação, ensino e mercado. No entanto, o risco teórico permanece, como no caso da literatura eletrônica para adultos. Ter autores e editores abordando criticamente as obras, ou críticos criando e editando obras, ou editores elaborando o marco teórico, é uma conjuntura hermenêutica que merece especial atenção no entorno digital.

A complexidade técnica das obras digitais e a obsolescência dificultam tanto o acesso quanto uma recepção mais ampla. Perante a evanescência, a teorização da literatura infantojuvenil, assim como a sua contextualização e problematização, que *Literatura Digital para Crianças e Jovens* recolhe, apresentam-se como imprescindíveis tanto para criar massa crítica quanto para preservar uma arte por natureza evanescente, e para evitar que as obras, os procesos de produção e os marcos teóricos se percam no tempo como lágrimas na chuva.